

As palmeiras e a ciclovia

Várias pessoas nos questionam sobre o porquê da existência daquelas raízes curtas que há algum tempo vem surgindo perto da base dos estipes (troncos) de algumas palmeiras imperiais e reais existentes na cidade. As perguntas giram também em torno do que poderá acontecer com as palmeiras da Avenida Ana Costa, muitas delas com boa parte de suas raízes superficiais suprimidas para construção das pistas da ciclovia.

Quanto às raízes surgidas nos estipes – semelhantes às adventícias – sabe-se que as palmeiras podem sim, apresentá-las brotando pouco acima do colo e ao redor do estipe, sem entretanto alcançar o chão. Tais fatos, jamais observados por nós em nossas palmeiras imperiais, vêm agora ocorrendo em muitas delas ao longo da Av. Ana Costa. Ao que tudo indica o nível elevado e constante do lençól, é o responsável pela anomalia.

Um bom exemplo desse problema pode ser constatado em vários exemplares, infelizmente já adquiridos com essa aberração, e plantados ao longo da Avenida Bandeirantes, na entrada da cidade. A propósito, há alguns anos atrás quando um fornecedor de plantas do litoral sul (com viveiro em local onde o solo é bem mais úmido que o nosso) tentou nos vender alguns exemplares, constatamos esse problema, motivo suficiente para impedir que a transação se consumasse. Convenhamos que tal fato tira



muito da beleza da planta, descaracterizando-a. Mas, então, por que acontece isso?

Segundo literatura especializada, o sistema radicular das palmeiras é do tipo fasciculado, com mais de 50% das mesmas desenvolvidas nos primeiros 20-30 cm de profundidade, camada essa de maior fertilidade do solo. Elas ali crescem mais finas, com geotropismo negativo e tem a responsabilidade de absorver os nutrientes e água, na dose certa para as plantas.

Os outros 60% do feixe radicular se distribuem pelas demais camadas, sabendo-se que abaixo de um metro de profundidade ficam menos que 5%, em peso, do total de raízes, na maioria primárias, grossas, com pouca ramificação e apresentando geotropismo positivo.

São essas raízes mais profundas as responsáveis pela sustentação da palmeira. Assim, pelo que os estudos indicam, não deveremos experimentar o mesmo desastre

da década de 80, quando nossa avenida perdeu vários exemplares, tombados e sem suas raízes de sustentação, conforme podemos comprovar analisando fotos da época, do jornal *A Tribuna*.

A par disso enfrentamos hoje um sério problema: muitas dessas importantes raízes superficiais foram sumariamente eliminadas para em seu lugar construir as pistas referidas. Em determinados trechos onde o canteiro central é mais estreito, os cortes eliminaram considerável parte da base de vários estipes. Preocupamo-nos com tal fato já que os ferimentos foram produzidos muito junto ao solo, local rico em bactérias, fungos e outros seres. Assim, caso não seja feita a devida assepsia preventiva, pode ocorrer por ali o ataque desses seres e mesmo outros insetos, com reais danos aos vegetais. Pelo exposto cremos ser interessante que os órgãos responsáveis procedam à necessária assepsia em todas as palmeiras feridas, e posteriormente promovam ao longo de todo o canteiro central a adubação de suporte para as plantas, compensando assim aquelas perdas.

Para reforço do que citamos, basta verificar naquelas ainda jovens (e não tão altas), que muitas, devido à perda das raízes, estão com suas folhas secando e sem turgidez, prova irrefutável de que sentiram bastante com a eliminação de parte de suas raízes.